

# BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

AGOSTO DE 1959

N.º 8



# BLUMENAU

## em CADERNOS

Tomo II

AGOSTO DE 1959

N.º 8

## Homens Ilustres e Lugares Catarinenses Celebrados em Nomes Botânicos

Na nomenclatura das plantas é uso comum entre os botânicos tomar nomes de lugares geográficos onde a planta foi encontrada, ou de homens que encontraram a planta, ou patrocinaram estudos fitológicos dando-lhes uma terminação latina. Tanto o primeiro nome, como o segundo do binômio botânico poderão celebrá-los. O primeiro nome se refere ao gênero e o segundo à espécie que são seguidos dum terceiro que é o nome do botânico que batiza e descreve a planta.

Reuni todos os nomes dos fanerógamos catarinenses que lembram lugares ou homens que têm qualquer relação com o Estado de Santa Catarina. Dos criptógamos não tenho literatura suficiente em mão.

Aqui cito apenas nomes de plantas ainda hoje válidos, omitindo os que caíram em sinonímia por causa da lei da prioridade.

Inicialmente apresento os nomes de pessoas para depois apresentar os de localidades. Acho interessante indicar a família botânica à que cada planta pertence indicando também o lugar onde foram encontradas as plantas pela primeira vez.

### I. PESSOAS ILUSTRES

#### BENRATH

Benrath enviava plantas vivas de Santa Catarina para o Jardim Botânico de Königsberg, na Alemanha.

#### P. Raulino REITZ

*Aechmea recurvata* (Kl.) L. B. Smith var. *benrathii* (Mez) Reitz, Bromeliaceae, colhida no Estado de Santa Catarina.

#### BLUMENAU, Dr. Hermann

Fundador da cidade de Blumenau. Era formado em botânica e farmácia.

*Amaryllis blumenavia* (C. Koch & Bouché ex Carr.) Traub, Amaryllidaceae, colhida pelo Dr. Blumenau na Ilha de Santa Catarina.

#### CAPANEMA, Guilherme Schuech, Barão de

Colheu plantas em Joinville, em 1883.

*Begonia capanemae* Brade, Begoniaceae, colhida em Joinville.

#### CHAMISSO, Adalbert von

Grande cientista e poeta alemão. Em 1915 esteve em Destêrro e S. Miguel onde colecionou plantas.

*Vanilla chamissonis* Klotzsch, Orchidaceae, colhida em Santa Catarina.

#### DUSEN, Karl Pér

Sueco, por 3 vezes, no início deste século, excursionou pelo Estado do Paraná, colhendo plantas. Visitou rapidamente o Oeste catarinense e Laguna.

*Croton dusenii* Croizat, Euphorbiaceae, colhida em Calmon, Pôrto União.

*Begonia per-dusenii* Brade, Begoniaceae, colhida em Herval do Oeste.

## GAUDICHAUD-BEAUPRÉ,

Charles

Francês, esteve na viagem de 1831 a 1833 por alguns dias em Santa Catarina, onde colheu plantas.

**Anthurium gaudichaudianum** Kunth, Araceae, colhido na Ilha de Santa Catarina.

**Tradescantia crassula** Link et Otto var. *gaudichaudii* Hort., Commelinaceae, colhida na Ilha de Santa Catarina.

### HÜLSE, Heriberto

Atual Governador de Santa Catarina. Patrocinador de vários estudos botânicos em nosso Estado.

**Dyckia huelsei** Reitz, Bromeliaceae, colhida em Ibirama.

### KLEIN, Roberto Miguel

Conservador do Herbário "Barbosa Rodrigues" em Itajaí e ecólogo.

**Aechmea kleinii** Reitz, Bromeliaceae, colhida na Serra da Boa Vista, S. José.

**Buchenavia kleinii** Exell, Combretaceae, colhida em Brusque.

**Croton kleinii** Smith & Downs, Euphorbiaceae, colhido em Bocaina do Sul, Lajes.

**Fagara kleinii** Cowan, Rutaceae, colhida em Joaçaba.

**Psychotria kleinii** Smith & Downs, Rubiaceae, colhida no Morro da Fazenda, Itajaí.

### KUHLMANN, João Geraldo

Nascido em Blumenau em 1883, faleceu no Rio de Janeiro em 1958 onde foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Embora não me conste nenhuma planta catarinense com seu nome é justo notar aqui que ele foi homenageado dezenas de vezes em gêneros e espécies botânicas. Descobriu 2 famílias novas, 15 novos gêneros e centenas de novas espécies para a ciência.

### LACERDA, Jorge

Governador do Estado de Santa Catarina. Nasceu no Paraná onde também foi falecer tragicamente num desastre aviatório, em 1958. Durante seu governo patrocinou estudos botânicos em Santa Catarina.

**Anthurium lacerdae** Reitz, Araceae, colhido em Rio Canoas, Luís Alves.

### LORENZ, Fritz

Colheu plantas em Blumenau.

**Pseudoeurystyles lorenzii** (Congn.)

Hoehne, Orchidaceae, colhido em Blumenau.

### MÜLLER, Fritz

Johann Friedrich Theodor Müller, apelidado Fritz Müller, viveu em Blumenau e Florianópolis durante 45 anos, onde estudou a flora e a fauna autóctones.

**Ananas fritzmülleri** Camargo, Bromeliaceae, colhido em S. Catarina.

**Abutilon mülleri-frederici** Gürcke & K. Schum., Malvaceae, colhido em Blumenau.

**Guarea mülleri** D. DC., Meliaceae, colhida às margens do Rio Itapocu. Não posso afirmar com certeza que seja dedicada a Fritz Müller, ou a outro Müller.

**Maytenus mülleri** Schwacke, Celastraceae, colhido em Blumenau.

**Microstylis mülleri** Schlechter, Orchidaceae, colhida em Blumenau.

**Podostemon mülleri** Warming, Podostemonaceae, colhido em Blumenau.

**Relbunium mülleri** K. Schum., Rubiaceae, colhido em Campo Alegre. Também não posso afirmar com certeza que é dedicada a Fritz Müller ou a algum outro Müller.

**Vriesia mülleri** Mez, Bromeliaceae, colhida em Blumenau.

### NIEDERLEIN, G.

Botânico argentino que penetrou nos campos banhados pelos Rios Chopin e Chapecó.

**Leucothoe niederleinii** Sleumer, Eriocaulaceae, colhida nos campos de Chapecó.

### PABST

Colecionou muito no início do século em Santa Catarina o que somente pude ver pelas anotações junto às plantas. Nem sequer conheço-lhe o prenome.

**Microstylis pasbtii** Schlechter, Orchidaceae, colhida no Estado de Santa Catarina.

**Piper pasbtii** C. DC., Piperaceae, colhido no Estado de S. Catarina.

### RAMBO, Padre Balduino

Botânico gaúcho, dirige as atividades do Herbário Anchieta e do Museu Riograndense de Ciências Naturais.

**Julocroton ramboi** Smith & Downs, Euphorbiaceae, colhida em Itapiranga.

### REITZ, Padre Afonso

Vigário de Luís Alves e Sócio fundador e benemérito do Herbá-

rio "Barbosa Rodrigues" cultiva belas plantas ornamentais, principalmente Bromeliaceae, Cactaceae e Orchidaceae.

**Billbergia alfonso-johannis** Reitz, Bromeliaceae, colhida na Serra do Mirador, Taió.

**REITZ, Cônego João**

Vigário de Sombrio, sócio fundador e benfeitor do Herbário "Barbosa Rodrigues".

**Billbergia alfonsi-johannis** Reitz, Bromeliaceae, colhida na Serra do Mirador, Taió.

**REITZ, Padre Raulino**

Catarinense, fundador e diretor do Herbário "Barbosa Rodrigues", Chefe de Pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisas, Diretor do Museu Arqueológico Joca Brandão e Professor de Ciências Naturais no Seminário Metropolitano de Azambuja, Brusque.

**Adesmia reitziana** Burkart, Leguminosa, colhida no Morro da Igreja, São Joaquim.

**Asplundia polymera** subsp. *reitzii* Harl., Cyperaceae, colhida em Rio Canoas, Luís Alves.

**Begonia raulinii** Brade, Begoniaceae, colhida em Meleiro.

**Begonia reitzii** Brade, Begoniaceae, colhida em S. Catarina.

**Bertolonia raulinoi** Brade, Melastomataceae, colhida no Morro do Baú, Ilhota.

**Callamagrostis reitzii** Swallen, Gramineae, colhida no Campo dos Padres, Bom Retiro.

**Campomanesia reitziana** Legrand, Myrtaceae, colhida em Azambuja, Brusque.

**Coccocypselum reitzii** Smith & Downs, Rubiaceae, colhida em Fachinal, Bom Jardim, S. Joaquim.

**Croton reitzii** Smith & Downs, Euphorbiaceae, colhido em Canoinhas.

**Dyckia reitzii** L. B. Smith, Bromeliaceae, colhida no Campo dos Padres, Bom Retiro.

**Justicia reitzii** Leonard, Acanthaceae, colhida em Abelardo Luz.

**Octomeria reitzii** Pabst, Orchidaceae, colhida no Estado de S. Catarina.

**Ornithocephalus reitzii** Pabst, Orchidaceae, colhida em S. João do Sul.

**Piptocarpha reitziana** Cabrera, Compositae, colhida em Ibirama.

**Poa reitzii** Swallen, Gramineae,

colhida no Campo dos Padres, Bom Retiro.

**Raulinoa echinata** Cowan, Rutaceae, colhida em Subida, Indaial.

**Rechsteineria reitzii** Höhne, Gesneriaceae, colhida ao lado da Estrada Dona Francisca, Joinville.

**Reitzia smithii** Swallen, Gramineae, colhida em Azambuja, Brusque.

**Sematophyllum reitzii** Bartram, Sematophyllaceae (Musci), colhida em S. Catarina.

**Senecio reitzianus** Cabrera, Compositae, colhido na Ilha de Santa Catarina.

**Siphoneugenia reitzii** Legrand, Myrtaceae, colhida no Taimbêzinho, Praia Grande.

**Stellis reitzii** Garay, Orchidaceae, colhida no Campo de Maciambu, Palhoça.

**Verbena reitzii** Moldenke, Verbenaceae, colhida no Campo dos Padres, Bom Retiro.

**RENAUX, Consul Carlos**

Fundador das Indústrias Renaux sediadas especialmente em Brusque. Com seu exemplo difundiu em Brusque o amor pela natureza vegetal.

**Philodendron renauxii** Reitz, Araceae, colhido em Pilões, Palhoça.

**ROHR, Padre João Alfredo**

Professor no Colégio Catarinense, em Florianópolis, colecionou muitas plantas na Ilha de S. Catarina.

**Catasetum rohrii** Pabst, Orchidaceae, colhido em Sertão da Lagoa, Ilha de S. Catarina.

**Octomeria rohrii** Pabst, Orchidaceae, colhida em Sertão da Lagoa, Ilha de S. Catarina.

**SCHENCK, Johann Heinrich Rudolf**

Botânico alemão, colecionou por 3 meses em S. Catarina, no ano de 1886.

**Begonia schenkii** Irmscher, Begoniaceae, colhida em Santo Antônio, Ilha de Santa Catarina.

**Cajophora scabra** Urb. var. *schenkiana* Urb., Loasaceae, colhida em Joinville.

**Justicia schenckiana** Lindau, Acanthaceae, colhida em Joinville.

**Leandra schenkii** Cogniaux, Melastomataceae, colhida em Blumenau.

**Panicum schenkii** Hack., Gramineae, colhido em Blumenau.

**Podostemon schenckii** Warming, Podostemonaceae, colhido em Blumenau.

**SCHIMPER, W.**

Professor Schimper colecionou em companhia de Fritz Müller e W. Schwacke.

**Billbergia schimperiana** Wittmack, Bromeliaceae, colhida em São Bento do Sul.

**SCHLICKMANN, Padre Vito**

Reitor do Seminário de Antônio Carlos, em Biguaçu, é amigo da natureza vegetal. Descobriu a

**Rechsteineria schlickmannii** Hoehne, Gesneriaceae, colhida em S. Ludgero, Braço do Norte, sua terra natal.

**SCHWACKE, Carl August Wilhelm**

Botânico alemão (1848-1904), emigrou para o Brasil. Colecionou e estudou plantas em S. Catarina, especialmente em Joinville, S. Bento, Blumenau, etc.

**Neea schwackeana** Heimerl, Nyctaginaceae, colhida em Velha, Blumenau.

**Oxalis schwackei** R. Knuth, Oxalidaceae, colhida às margens do Rio Itapocu.

**SMITH, Lyman B.**

Conservador da Divisão dos Fanerógamos no Museu Nacional dos Estados Unidos da América do Norte muito estuda a flora catarinense. Por duas vezes já esteve durante 8 meses colecionando em todo o território catarinense.

**Dyschoriste smithii** Leonard, Acanthaceae, colhida no Estreito do Rio Uruguai, Concórdia.

**Reitzia smithii** Swallen, Gramineae, colhida em Azambuja, Brusque.

**Wittrockia smithii** Reitz, Bromeliaceae, colhida no Fachinal, Antônio Carlos, Brusque.

**TWEEDIE, James**

Escocês, mudou-se para a Argentina e Brasil. Colecionou plantas em S. Catarina, onde faleceu a 1.º de abril de 1862.

**Asterostigma tweedieanum** Schott, Araceae, colhida na Ilha de Santa Catarina.

**Stelis tweedieanum** Lindl., Orchidaceae, colhida no Estado de Santa Catarina.

**ULE, Ernst Heinrich**

Botânico alemão foi professor em S. Catarina durante 8 anos (1883-1890) tempo em que colecio-

nou perto de 6.000 plantas catarinenses.

**Arundinaria ulei** Hack., Gramineae, colhida no Rio das Contas, Bom Jardim, S. Joaquim.

**Begonia ulei** C. DC., Begoniaceae, colhida em Blumenau.

**Bertolonia ulei** Cogn., Melastomataceae, colhida em Glória, Santa Catarina.

**Brachystele ulei** (Cogn.) Schlechter, colhida perto do Rio Capivaras, Bom Jardim, São Joaquim.

**Cuphea urbaniana** var. **uleana** Koehne, Lythraceae, colhida perto do Rio Capivaras, Bom Jardim, S. Joaquim.

**Gaultheria ulei** Sleumer, Ericaceae, colhida na Serra do Oratório, Lauro Müller.

**Habenaria ulaei** Cogn., Orchidaceae, colhia perto do Rio Capivaras, Bom Jardim.

**Leandra ulaei** Cogn., Melastomataceae, colhida em Blumenau.

**Paspalum ulei** Hack., Gramineae, colhido junto ao Rio Capivaras, Bom Jardim, S. Joaquim.

**Philodendron ochrostemon** Schott var. **uleanum** Engl., Araceae, colhido em Itajaí.

**Peperomia ulei** C. DC., Piperaceae, colhida em S. Catarina.

**Piper ulei** C. DC., Piperaceae, colhido em Blumenau.

**Rechsteineria uleana** (Fritsch) Fritsch, Gesneriaceae, colhida no Morro da Bandeira, Ilha de S. Catarina.

**Scleria uleana** Boeck., Cyperaceae, colhida em Tubarão.

**Siphocampylus betulaeifolius** G. Don. var. **uleanus** E. Wim., Campanulaceae, colhida na Serra do Oratório, Lauro Müller.

**Tibouchina ulaei** Cogn., Melastomataceae, colhida em Tubarão.

**Uleiorchis cognauxiana** Hoehne, Orchidaceae, colhida no cimo do Morro Garcia, Blumenau.

**D'URVILLE**

Em 1822 esteve por meio mês na Ilha de Santa Catarina, junto com a expedição de Duperrey.

**Ischaemum urvilleanum** Kunth, Gramineae, colhido na Ilha de Santa Catarina.

**Tibouchina urvilleana** Cogn. Melastomataceae, colhida na Ilha de Santa Catarina.

**VELOSO, Henrique Pimenta**

Ecólogo, dirigiu por 3 anos os levantamentos ecológicos em Brus-

que para a solução do problema Bromelia-malária.

**Aechmea pimentivelosoi** Reitz, Bromeliaceae, colhido em Barra do Trombudo, Rio do Sul.

## II.

### LOCALIDADES CATARINENSES BIGUAÇU

**Begonia biguassuaensis** Brade, Begoniaceae, colhida no Fachinal, Biguaçu.

**Vriesia biguassuensis** Reitz, Bromeliaceae, colhida no Fachinal, Biguaçu.

### BLUMENAU

**Aechmea blumenauensis** Reitz, Bromeliaceae, colhida no Morro Spitzkopf, Blumenau.

**Begonia blumenauensis** Irmscher, Begoniaceae, colhida em Blumenau.

**Peperomia blumenauensis** C. DC., Piperaceae, colhida em Blumenau.

**Schenckia blumenauensis** K. Schum., Rubiaceae, colhida em Blumenau.

### BRUSQUE

**Vriesia brusquensis** Reitz, Bromeliaceae, colhida em Azambuja, Brusque.

### SANTA CATARINA (ESTADO)

**Amaryllis santacatarina** Traub, Amaryllidaceae, colhida em Taquara Verde, Caçador.

**Anisomeris catharinae** Smith & Downs, Rubiaceae, colhida em Itajaí.

**Apodanthera catharinensis** Crovetto, Cucurbitaceae, colhida na Ilha do Francês, junto da Ilha de S. Catarina.

**Begonia catharinensis** Brade, Begoniaceae, colhida na Serra da Pedra, Jacinto Machado.

**Blumenbachia catharinensis** Urban et Gilg, Loasaceae, colhida na Serra do Oratório, Bom Jardim, São Joaquim.

**Cleistes catharinensis** (Cogn.) Hoehne, Orchidaceae, colhida no Estado de S. Catarina.

**Dioscorea catharinensis** R. Knut, Dioscoreaceae, colhida no Estado de S. Catarina.

**Erigeron catharinensis** Cabrera, Compositae, colhido no Campo dos Padres, Bom Retiro.

**Eugenia catharinensis** Legrand, Myrtaceae, colhida em Azambuja, Brusque.

**Guarea pseudostipularis** C. DC., var. *sanctae-catharinae* C. DC., Meliaceae, colhida às margens do Rio Itapocu.

**Leandra catharinensis** Cogn. Melastomataceae, colhida na Serra Geral, S. Joaquim.

**Justicia catharinensis** Lindau, Acanthaceae, colhida em Blumenau.

**Ocotea catharinensis** Mez, Lauraceae, colhida em Blumenau.

**Peperomia catharinae** Miq., Piperaceae, colhida em S. Catarina.

**Peperomia catharinensis** Dahlst., Piperaceae, colhida em Blumenau.

**Peperomia caulibarbis** Miq. var. *catharinensis* C. DC., Piperaceae, colhida em S. Francisco do Sul.

**Pleurothallis catharinensis** Cogn., Orchidaceae, colhida na Ilha de S. Catarina.

**Portulacca catharinae** von Poellnitz, Portulacaceae, colhida em S. Catarina.

**Promenaea catharinensis** Schlechter, Orchidaceae, colhida na Barra do Rio Itajaí.

**Scleria catharinensis** Boeck., Cyperaceae, colhida junto ao Rio Capivaras, Bom Jardim, S. Joaquim.

**Senecio catharinensis** Dusen ex Cabrera, Compositae, colhido em Nova Teutônia, Seara.

**Stelis catharinensis** Lindr., Orchidaceae, colhida no Estado de S. Catarina.

**Tournefortia catharinensis** Vaupe, Boraginaceae, colhida em Velha, Blumenau.

**Verbena catharinae** Moldenke, Verbenaceae, Taimbézinho, Praia Grande.

### CAMPO DOS PADRES

**Croton patrum** Smith & Downs, Euphorbiaceae, colhida no Campo dos Padres, Bom Retiro.

### IBIRAMA

**Begonia hammoniae** Irmscher, Begoniaceae, colhida em Hammônia que hoje se chama Ibirama.

### ITAJAÍ

**Begonia itajaensis** Brade, Begoniaceae, colhida no Braço Serafim, Luís Alves.

### LAGUNA

**Miconia lagunensis** Ule, Melastomataceae, colhida em Laguna.

### PILÕES

**Anthurium pilonense** Reitz, Araceae, colhida em Pilões, Palhoça.

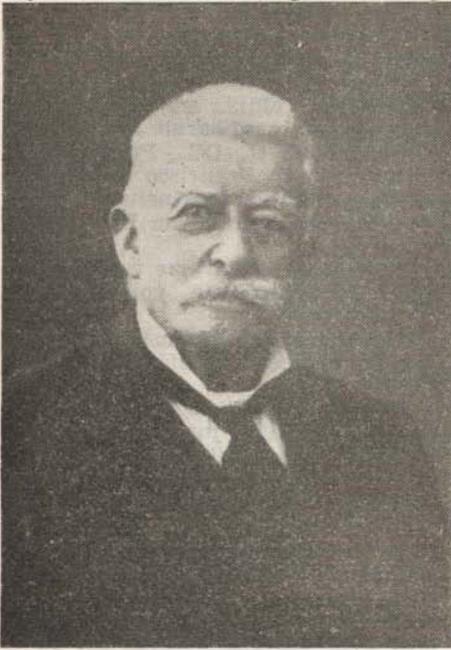
### SERRA GERAL

**Oxalis geralensis** R. Knuth, Oxalidaceae, colhida na Serra Geral, Rio Capivaras, Bom Jardim, S. Joaquim.

### TUBARÃO

**Oxalis tubaraensis** R. Knuth, Oxalidaceae, colhida em Tubarão.

## AUGUSTO ZITTLow



As páginas 128 e seguintes deste tomo, publicamos um relatório das observações feitas por Augusto Zittlow no pôsto Duque de Caxias, dos índios do Rio Plate. Conforme dissemos então, Zittlow foi um cidadão prestimoso, com valiosos serviços prestados a Blumenau e ao Brasil, no desempenho das várias comissões de que foi incumbido. Era natural de Lippstadt, na Vestfália, Alemanha, onde nasceu a 25 de abril de 1855. Feito os seus estudos em Bielefeld, com 17 anos de idade emigrou para o Brasil, empregando-se, em 1873, como ajudante de agrimensor na Serra do Oratório, em Laguna, Tubarão, Rio do Braço, etc., neste Estado. Nomeado, em 1874, Inspetor de Linhas telegráficas, de 2.<sup>a</sup> classe, a sua atividade foi extraordinária, não apenas nêsse setor como ainda no de agrimensor em Curitiba, Morretes, Ponta Grossa,

tendo, em 1883, inaugurado a estação telegráfica desta última cidade paranaense. Merecedor da confiança do chefe Barão de Capanema, foi, por êste, distinguido com várias referências elogiosas, tendo recebido, como presente dêle, um valioso cronômetro. Em 1883 foi encarregado de procurar e socorrer a turma chefiada pelo engenheiro Odebrecht, nos sertões paranaenses e de que, há vários meses, não se tinha notícia. Encontrou-a próxima ao salto Santa Maria, nas imediações da embocadura do rio Chopin, em precárias condições, sem comestíveis. Regressaram todos por Laranjeira, Guarapuava, para Curitiba. Em 1885, já promovido à 1.<sup>a</sup> classe, casou-se com Ana Repsold, parente da espôsa do dr. Blumenau, no Rio de Janeiro. Prestou, depois, serviços no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em várias vias férreas. Em 1893 trabalhava na execução do contrato da construção da linha telegráfica de Blumenau para Lajes, quando, em virtude da revolução, foi demitido e, pouco depois, reintegrado no pôsto. Até a data de sua aposentadoria, em 1917, exerceu outras comissões, neste e em vários Estados. Foi um animador entusiasta da vida social e cultural de Blumenau, sendo, de 1915 a 1935 presidente da Sociedade Teatral "Frohsinn"; de 1921 a 1925 dirigiu a "Schuetzen-Verein". De ambas as sociedades continuou, até sua morte, como presidente de honra. De 1926 a 1928 foi presidente da Junta de Alistamento Militar. Faleceu em Blumenau, a 7 de março de 1945, quase nonagenário. Sua espôsa falecera três anos antes. Deixou duas filhas: Erica Altenburg, residente em Blumenau e Gertrudes Siegel, na Alemanha.

# RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1858

## (CONCLUSÃO)

Quem conhece êstes negócios e sabe a que avultadas quantias chegam as perdas, quando um barco é fretado e logo não tiver carga completa, sabe, também, que nenhum agente de colonos, ou casa comercial, se compromete a engajar e a mandar certo e determinado número de colonos, em épocas determinadas, se não receber uma comissão exorbitante, que não só garanta bom lucro, como previna contra qualquer perda, ou tiver à sua disposição, além de uma comissão, mais ou menos alta ou razoável, fundos bastantes para adiantar a passagem a emigrados pobres e, assim, completar a carga dos navios, caso não haja bastante emigrados espontâneos e abastados.

É, também, conhecido que a regularidade nas épocas e a pontualidade da partida das expedições de emigrados, é um dos adjutórios mais essenciais e até indispensáveis para promover a emigração espontânea, porquanto os emigrados, uma vez prontos, para a viagem, são facilmente desviados para outros lugares, por agentes da concorrência, se não acharem pronta saída para o país a que originariamente se destinaram. Enfim, o preço atual da passagem é muito alto para que, com bom sucesso, se possa vencer a concorrência dos Estados Unidos.

O primeiro requisito para conseguir unia emigração constante e proporcional à respectiva colônia, consiste, pois, no despacho de navios em épocas certas e determinadas para a mesma e na existência dos fundos necessários para se poder rebaixar o preço da passagem, ao nível do que se paga para os Estados Unidos, e completar a carga dos navios, fretados por emigrantes subsidiados, caso não haja número suficiente de abastados, devendo-se ainda crescer, a estas despesas, a comissão do agente, ou da casa comercial, encarregada da expedição dos colonos.

Outro requisito é que essa tarefa seja confiada a uma casa respeitável e capaz; que ela fique obrigada, por um contrato oneroso, e formal, e ofereça as necessárias garantias, não só para cumprimento dêle, mas ainda para a solícita escolha e da boa qualidade do colono, não vindo a esta colônia, nem ao Brasil, em geral, as fézes dos povos europeus, como a dos últimos tempos, que nos foram mandadas em grande proporção.

As despesas que se teem de fazer, para satisfazer a êstes requisitos, só se referem à Europa e ao engajamento e transporte dos colonos.

Mas há ainda outras, de maior, ou, pelo menos, de não menor monta, no lugar da colônia, no Brasil.

Abstraindo das obras públicas de maior custo e importância, como são, para esta colônia, a estrada para a Barra, com as suas pontes e estivas; um templo decente para os protestantes, desde já; uma igreja para os católicos, se o seu número, como é de se esperar, aumentar na colônia; uma casa de morada para o padre católico; casas para escolas e uma dita para cadeia, cujas obras se fazem, é verdade, de uma só vez, mas requerem contínua conservação, existem, ainda, as despesas com a recepção dos colonos, na barra do rio; com o seu transporte à colônia e seu abrigo provisório; com os adiantamentos, que se lhes deve fazer, para poderem cuidar dos seus primeiros roçados e plantações e estabelecer, nas suas terras, as indispensáveis casinhas de morada; com o estudo e exploração, abertura e conservação de estradas e pontes, necessárias no recinto da própria colônia, verba essa das mais importantes e dispendiosas, pela multidão de pequenos e grandes ribeirões, que existem e das pontes, que se tornam indispensáveis; com os adiantamentos a fazer aos colonos mais ativos, morigerados e algum tanto adiantados nos seus trabalhos de lavoura, para po-

derem estabelecer engenhos, etc. e comprar uma vaca e porcos, ou, em outras palavras, com adiantamentos em favor do progresso da lavoura e produção, a fim de que progridam, em proporção à imigração, servindo, além disso, para animar os colonos em geral, evitar o seu desânimo e premiar os mais trabalhadores; com, finalmente, a administração, despesas de escritório, viagens indispensáveis, etc.

Para obter um sucesso completo e, a todos os respeitos, satisfatório, deve-se providenciar, simultaneamente, todos esses requisitos e despesas.

Segundo um cálculo, bastante exato e baseado em experiências feitas, nesta e em outras colônias do império, as despesas a fazer-se com os negócios gerais de uma colônia e do estabelecimento dos emigrados, montam no Brasil, 110\$000 a 140\$000, por pessoa, variando alguma coisa, segundo a localidade dada, podendo-se contar, num futuro mais ou menos remoto, com uma recuperação de 35\$000 a 55\$000.

Para concorrer às despesas enumeradas, que tenho que fazer, tanto na Europa como no Brasil, estou reduzido:

1.º ao rendimento líquido da venda das terras e este importou, em 7 anos, apenas em 8 contos;

2.º ao reembolso dos adiantamentos, anteriormente feitos aos colonos — e este se efetua com extrema lentidão e em escala diminutíssima, além das muitas perdas, que nele se dão. A sua cobrança não pode ser apressada sem o gravíssimo inconveniente de apertar os colonos, torná-los descontentes e arruinar e afugentar muitos deles, e, enfim

3.º ao prêmio que o governo imperial me paga e este é, apenas, de 20 e 30 mil réis por pessoa, ao passo que a despesa geral, que com ela se faz, desde o ano de 1856 em diante, vai além do triplo e do quádruplo.

Ora, é óbvio que a maior parcimônia e abnegação, a melhor administração e cuidado no emprêgo dos fundos disponíveis, não podiam, nem poderão vencer tão enorme desproporção.

Reconhecendo isso e vendo que a minha dívida para com o governo

imperial, do meu contrato de 17 de abril de 1855, que já não posso cumprir, não pode ser normalmente paga. Não posso, com os meios ordinários, proporcionar à colônia os meios indispensáveis para continuar o seu alargamento e a introdução de colonos e estou na iminência de perder inteiramente o fruto do árduo trabalho de treze anos de sacrifícios feitos em benefício da colonização brasileiro-germânica.

E como essa minha dívida se torna sempre e cada vez mais pesada e não me restando probabilidade alguma de poder resgatá-la, venho insistindo, desde o ano de 1856, para que o governo imperial venha em ajuda da minha empresa, concedendo-lhe mais alguns favores complementares e análogos àqueles com que outras empresas foram subvencionadas e, assim, me ponha no caso de, com elas, poder competir e continuar na minha empresa e tarefa.

Com efeito, o governo imperial dignou-se favorecer-me com um novo subsídio, mas como devo reembolsá-lo, aumentou consideravelmente a minha dívida, já muito alta, e com um dom gratuito, que recebi com vivo reconhecimento, mas que nas atuais circunstâncias, não trouxe senão um alívio ligeiro e incapaz de sustentar e, muito menos, de ampliar a empresa.

Em virtude de tudo isso, vi-me constrangido a apertar sempre mais, desde o princípio do ano de 1857, o círculo das minhas operações e as restringir ao mínimo possível, a fim de que esta empresa não desapareça inteiramente do campo da concorrência na Alemanha.

A consequência lógica foi a diminuição da imigração nesta colônia.

Restava, ainda, consolidar os alicerces da colônia, pô-la definitivamente ao abrigo de catástrofes e promover a sua prosperidade interna.

Favorecido pelas circunstâncias propícias da localidade escolhida e, à fôrma de extrema economia, de sacrifícios de toda a casta e privações pessoais, fui bastante feliz em conseguir também este fim: a colônia e sua população se acham

em próspera situação e já não existe o perigo de catástrofes irreparáveis e o crédito na colônia não só não foi abalado, como tornou-se até mais forte.

Se o governo imperial julgar por bem desampará-la e tirar dela a sua poderosa mão, ela ficará estagnada, é verdade, mas não aniquilada, não perdendo nenhum dos seus habitantes o fruto do seu trabalho, a não ser o empreendedor, não ficando ninguém desamparado e infeliz, senão este.

Se lançar, porém, sobre a colônia, vistas benignas, e querer alargar o seu círculo, achará prontas e presentes tôdas as condições e o fundamento do mais vantajoso emprego dos seus fundos, em proveito do país inteiro; pode ficar seguro de feliz successo e salvará o futuro de um importante estabelecimento que, a muitos respeito, merece as suas simpatias e já foi bastante feliz em grangear atenção e benquerência daquém e além Atlântico.

A importância das razões acima reunidas sob n.º 4, constrange-me a dedicar-lhes ainda algumas palavras.

A atitude dos governos e da opinião pública a respeito da nova fase em que, no último ano, entrou a imigração e colonização no Brasil, tornou-se tão ameaçadora, que merece a mais séria atenção dos poderes do Estado, para afastar, em tempo, um golpe mortal nos interesses vitais do país.

A circunstância de que, na última legislatura, não passasse uma boa lei sobre o casamento misto e civil, causou a mais desfavorável impressão e acabou, infelizmente, com muitas simpatias que começavam a brotar.

Não menos — e talvez ainda mais — pernicioso foi a influência exercida com o proceder irrefletido e inconsciente de muitos agentes de imigração que trabalhavam para diversas companhias, ou províncias, e se disputavam mutuamente, os emigrados.

Em vez de principiarem a criar, para si e para as empresas, até então desconhecidas, ou pouco conhecidas, que representavam, boa e sólida reputação, por um proceder honesto e circunspecto, procuraram angariar os emigrados por meio de engodos e de promessas

exageradas, de cujo cumprimento pouco se importavam, desbarataram os fundos dos seus comitentes, como se fossem inexauríveis.

Em vez de procurarem enganar colonos escolhidos e aproveitáveis, o que não seria difícil com enormes quantias na mão, das quais dispuzeram e gastaram com o recrutamento de elementos na ínfima plebe proletária e mesmo entre os verdadeiros criminosos, mandando uma chusma de gente, em grande parte mais apta a povoar de salteadores as estradas, de freguêses as tavernas, os asilos de mendigos e as casas de correção do que mesmo para cultivar a terra e para servirem de cidadãos aproveitáveis.

A imediata consequência de tão inqualificável proceder foi que os governos e a opinião pública se alvoroçaram; que os emigrados honestos e aproveitáveis se afastaram e as casas expedidoras de emigrados, respeitáveis e conscienciosas, desiludiram-se do negócio e o abandonaram, por não poderem concorrer com os angariadores e, por sua honra e reputação, não que-rem fazer causa comum com elles.

Continue-se ainda um ano nessa senda e a boa emigração para o Brasil se tornará um mito, apenas.

Entretanto, teria sido um grande benefício diminuir o preço da passagem ao nível do que se paga para os Estados Unidos; em vez disso, meteram-se a adiantar a torto e a direito a passagem inteira, cara mesmo, a quem se quiz alistar, sem discriminação, nem prudência.

Ainda bem se tal medida fôsse geral, emanada, diretamente, do governo imperial e confiada a sua execução a mãos hábeis, honradas e rigorosamente fiscalizadas, a homens bem reputados e conhecidos e nela participasse o país inteiro e tôdas as empresas de colonização que se achassem em bom andamento e progresso e fôsem procuradas pelos colonos. Mas, como tal benefício ficou restrito a mui poucas empresas, que gozam de maiores favores do governo imperial e dispõem de grandes fundos e, da maneira como a medida foi executada, o seu feito é o mais pernicioso e, emvês de encorajar a emigração espontânea para o Brasil e de promover a sua colonização,

há de aniquilá-la. Enormes quantias, que assim se gastaram, foram, em grande parte, desperdiçadas, não só sem proveito algum para o país, mas ainda em manifesto detrimento e pesar seu. As empresas de colonização, de menor monta e menos dotadas, não podendo acompanhar as companhias poderosas na senda encetada, hão de succumbir, uma após outra, e desaparecer de cena e a pequena, mas sempre, aproveitável, emigração espontânea que atraíam e que, nos anos anteriores era comum, há de ficar reduzida a menos de zero.

Os meus agentes em Hamburgo, casa bem respeitável e bem reputada na Alemanha, escreveram-me ultimamente a este respeito:

"Diversas companhias do Brasil, da província do Rio Grande, principalmente, aumentaram, neste ano, o subsídio e adiantamentos de maneira tal que nos foi, e é impossível acompanhá-las nesse caminho. Se V.S. não puder obter do governo imperial, e nò-los fornecer, os necessários fundos, para po-

dermos competir com os demais agentes de emigração para esse país, deverá abandonar tôda a esperança de bom successo e evacuar o campo; o negócio se torna ruinoso nas atuais condições e não poderemos continuar nêle, enquanto estas não forem mudadas.

Se, porém, V.S. puder acompanhar as demais empresas no Brasil, na proporção conveniente e moderada, e conceder aos emigrados subsídios análogos aos que aquelas dão, teremos grande gôsto em continuar a servir a V.S. e encontraremos colonos escolhidos de sobra, porquanto a sua colônia goza da melhor reputação".

Termino esta exposição, implorando, repetidamente, ao governo imperial, que lance benévolas vistas sôbre mim e a minha empresa, rescindindo o meu contrato de 17 de abril de 1855, que já não posso cumprir.

Colônia Blumenau, 31 de dezembro de 1858.

Dr. Hermann Blumenau.



## O QUE DIZEM DE NÓS

Do deputado Pedro Zimmermann, que na assembléia legislativa de Santa Catarina se vem destacando, pelo seu bom senso e pela sua intelligência, recebemos a seguinte carta: "Meu caro e ilustre amigo Ferreira da Silva: Venho recebendo, regularmente, "Blumenau em Cadernos", que circula, já em seu sexto número do II.º tomo, sob responsabilidade do eminente amigo. Em apreciando o conteúdo histórico e literário da publicação que tanto honra Blumenau, lembro-me sempre da sua marcante personalidade, de historiador de mérito irretorquível, dando-se a um trabalho árduo, de que não só aproveitam aquêles que realmente querem bem à nossa Terra, mas que também serve para aquêles que ignoram os fatos e acontecimentos sôbre os quais se estrutura a dignificante e exemplar história de Blumenau. Receba os meus calorosos cumprimentos pelo seu trabalho e os agradecimentos dêste blumenauense de coração que o saúda, protestando-lhe fundo aprêço e a maior consideração." Somos muito gratos ao deputado Pedro Zimmermann, pelas suas honrosas palavras que muito nos lisonjeiam e nos estimulam.



**A** cidade de Blumenau foi a primeira do Estado a ter iluminação elétrica. Esse serviço foi inaugurado em 19 de fevereiro de 1908, pelo industrial Frederico Busch, que também instalou ali o primeiro cinema.

# 1.º – JOSÉ HENRIQUES FLÔRES FILHO

(1883 a 1887)

Criado pela lei n.º 860, de 4 de fevereiro de 1880, o município de Blumenau só pôde ser instalado três anos depois. Uma grande enchente do Itajaí, verificada em setembro daquele ano, causou enormes prejuízos, impossibilitando a imediata emancipação.

A 1.º de julho, realizaram-se as eleições para vereadores. Mas, como apenas quatro vereadores tivessem sido eleitos, realizou-se novo pleito, a 30 desse mês de julho de 1882, para a escolha dos outros três. Foram eleitos: Luís Sachtleben, Oto Stutzer, Jacob Zimmermann, Francisco Sálvio de Medeiros, José Joaquim Gomes, Henrique Watson e José Henriques Flôres. Este último foi, por seus pares, eleito presidente da Câmara. Fez uma administração sensata, durante a qual foi decretado o primeiro código de posturas do município (1883) e muitos melhoramentos foram introduzidos



na vida social e econômica de Blumenau. Flôres Filho era natural da cidade de Itajaí, filho do Tenente coronel José Henriques Flôres e de sua esposa Maria Clara da Silveira Flôres. Era casado com Dona Maria Luísa da Silveira, não tendo descendência. Ao deixar a presidência da Câmara, em 1887, foi nomeado coletor das Rendas Provinciais, cargo de que tomou posse a 15 de junho de 1888. Morava na estrada para o Garcia, atual rua Amazonas. Faleceu no dia 18 de março de 1891, vítima de um desastre, quando se dirigia, de aranha, da repartição para sua residência. Deixou testamento. Durante o seu governo foi criado o distrito de Indaial — 4 de setembro de 1886 —; foi instalada, no município, a Comissão de Terras e Colonização; o Conde d'Eu, marido da princesa imperial Dona Isabel, visitou a vila, sendo recebido com grandes festividades; foi inaugurada a linha telefônica entre Itajaí e Blumenau; o fundador da colônia, dr. Hermann Blumenau, regressou definitivamente para a Europa (15 de agosto de 1884); foi criada a Comarca de Blumenau, pela lei provincial n.º 109, de 20 de agosto de 1886. Flôres foi reeleito vereador para a segunda Câmara, tendo sido substituído na presidência por Guilherme Scheeffler.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

# Aconteceu...

## Christiana Deeke BARRETO

ABRIL DE 1959

1.º — Uma greve de motoristas do transporte de madeira, iniciada nesta data, para obter novo aumento nas tarifas, não consegue o apoio moral da população, terminando, sem nenhum êxito, o movimento.

Problema mais sério para o Vale do Itajaí — e todo o Estado — constituiu uma greve promovida pelos lavradores de mandioca, que exigem o aumento do preço de Cr\$ 1.100,00 para 1.500,00 por tonelada. Não concordando com a exigência, os dirigentes da "Indústria de Fécula Cia. Lorenz" mandaram os seus operários colher raízes de mandioca nas plantações de sua propriedade, no que foram impedidos pelos grevistas, que invadiram as plantações armados de foices, facões, espingardas, porretes, etc. Vivendo dez mil famílias do Vale do Itajaí, ligadas diretamente à cultura da mandioca, o governador do Estado encaminhou o caso ao Presidente da República.

2 — Sobre o caso do muro de arrimo, à margem do Itajaí, aparece na imprensa local a notícia de providências acertadas entre o governo do Estado e o chefe do D.P.R.C., para acelerar as formalidades para o início das obras.

5 — É inaugurada, com a presença das autoridades e pessoas gradas, a sede social da Associação Atlética do Banco do Brasil, instalada em magnífico local do prédio novo desse Banco, à rua 15 de novembro.

7 — Na sessão do Rotary Clube local, o professor Joaquim de Sales profere belo discurso, subordinado ao título: "Fraternidade", publicado, no domingo seguinte, no jornal "A Nação".

8 — A redução no preço das passagens dos transportes aéreos nacionais, como em todo o território nacional, constituiu o assunto do dia.

11 — Pelo decreto n.º 13, assinado pelo governador do Estado, na pasta da Viação e Obras, é apro-

vado o termo do contrato entre o governo do Estado e o engenheiro Hans Broos, para a elaboração dos estudos e ante-projeto do prédio destinado à construção do palácio da Justiça, nesta cidade. Coincide o ato com a apresentação, pelo deputado Pedro Zimmermann, de um apêlo ao governo do Estado para que seja apressado o início dessas obras.

"A Nação" publica a despedida do dr. Hellmuth Bräunert, cônsul geral da Alemanha para os Estados do Paraná e Santa Catarina, ao transmitir o cargo ao seu substituto, sr. Rudolf Rabe.

No mesmo jornal aparece a notícia de que o decreto federal, de 5 de março deste ano, caçou os direitos políticos de cidadão brasileiro do jovem blumenauense Gerhard Germer, que se recusou a prestar serviço militar, por convicção religiosa.

12 — Pernoita no Hotel Rex, nesta cidade, o prof. Dr. Karve D.G., catedrático de Poo-na, Índia, pertencente à FAG, órgão das Nações Unidas. A sua visita liga-se aos seus estudos sobre a interpretação da cultura material dos descendentes de imigrantes europeus, que vivem em grupos homogêneos no meio rural.

13 — No 46.º aniversário de fundação da firma Prosdocimo S/A., a filial de Blumenau promove a execução de um programa de festividades comemorativas, do qual se destacam um jantar no Tabajara, danças, etc. Ao discurso do representante da firma, sr. Frederico Allende, seguem-se outros oradores que enaltecem a firma homenageada.

14 — Recebe a nossa cidade a visita do Embaixador da Suíça, Sire Maurice, em companhia de sua exma. esposa, sendo recepcionado com as honras protocolares. Uma companhia de 23.º R.I. presta-lhe as honras do estilo, desfilarando, em seguida, diante do palanque armado diante da Prefeitura. No Tabajara Tênis Clube foi-

lhe oferecido, pela colônia suíça, um lauto almoço, depois do que o ministro e comitiva visitaram vários estabelecimentos industriais da cidade. À noite, o governo municipal ofereceu, aos visitantes, um jantar no Tabajara.

Ainda nesse dia, de passagem por esta cidade, acompanhado de luzida comitiva, o ministro da Agricultura, sr. Mário Meneghetti, visita o sr. Prefeito municipal, em seu gabinete. S. Excia. que, pela primeira vez, passa por esta região, declara-se encantado com Blumenau, impressionando-o, principalmente, o sistema das pequenas propriedades agrícolas, instituído pelo dr. Blumenau e adotado, mais tarde, por todas as empresas coloniais da nossa zona.

16 — **Verifica-se uma brusca queda de temperatura** — 30.º no dia 16 para 19.º no dia 17 — No dia 18 a temperatura entra novamente em elevação, tornando-se estável, do dia 19 em diante, com um calor incomum para esta época do ano.

18 — Em reunião realizada no salão nobre do Rex Hotel, é organizado o Clube Filatélico de Blumenau, sendo eleita a sua primeira diretoria, composta de Walter Berner, como presidente, Alfredo Campos, secretário, Hermann Wuerz, tesoureiro e diretor de trocas e André Zunino, diretor seção dos juniors.

Completa, neste dia, 25 anos de serviços à municipalidade de Blumenau, o sr. Erico Zwicker, chefe do expediente da Diretoria de Obras Públicas. Recebe efusivos cumprimentos de colegas e amigos, aos quais se associam os órgãos da imprensa.

19 — Grandiosa festa popular em benefício da construção de uma nova ala do Hospital Santa Catarina, pertencente à Comunidade Evangélica de Blumenau, e que é dirigido por um curatório de membros da comunidade. A festa revestiu-se do máximo brilhantismo, afluindo enorme multidão ao local dos festejos, nas dependências do Teatro Carlos Gomes, com as costureiras barraquinhas de churrasco, bingo, rifas, roda da fortuna, etc. e venda de três grandes tômbolas, uma de prêmios variados, outra de 20 geladeiras e a terceira de um automóvel. A renda líquida atingiu Cr\$ 1.319.932,70.

21 — Na pista Hercílio Deeke, à rua Itajaí, é realizada sensacional competição interestadual de motociclismo, com quatro provas programadas e executadas com grande êxito, salientando-se os representantes de Joinville e Santos.

21 — Ocorre o falecimento do benquisto cidadão Platão Guimarães, que desaparece aos 87 anos de idade, legando aos seus numerosos descendentes uma tradição de honradez e eficiência nos vários cargos públicos que exerceu.

22 — Realizou-se o segundo campeonato de pesca "Pedro Prosdócimo", em Belchior, com a participação de 120 pescadores. Campeão: Aurelino Alves.

22 — Tem lugar no 23.º R. I., com várias solenidades, o licenciamento e entrega de certificados de reservistas de 1.ª categoria, da 1.ª turma de praças incorporada no ano passado, com a presença do comandante em exercício, Tnte. Coronel Heitor Silveira de Vasconcelos. Foi conferida a honorosa medalha "Marechal Hermes" ao cabo Ivo Klug, da 1.ª Cia. que foi o praça que mais se distinguiu entre a tropa, no ano de 1958.

22 — Na vizinha cidade de Timbó, falece o grande industrial do Vale do Itajaí, snr. Fritz Lorenz, pioneiro da indústria de fécula da mandioca no Brasil, e presidente de vários estabelecimentos industriais da região. Desaparece aos 76 anos. Era neto do grande sábio Fritz Mueller. Ao seu entérreo compareceram figuras representativas das classes produtoras, autoridades e pessoas de destaque.

27 — Realiza-se o sepultamento da senhora Martha Anton, viuva do farmacêutico Reinhold Anton, conhecido homem público da vida local de outros tempos. Entre outros cargos que ocupara, Reinhold Anton, durante uma viagem do prefeito Curt Hering à Europa, substituiu-o por vários meses, nas vésperas do 75.º aniversário da fundação de Blumenau. Dona Martha, nascida nesta cidade, em 1871, era filha do sr. Júlio Baumgarten, uma das destacadas figuras das primeiras décadas da colonização, que prestou serviços em diversos cargos, como no de subdelegado de polícia, criado em 1859, no de juiz de paz, intérprete público e escrivão.

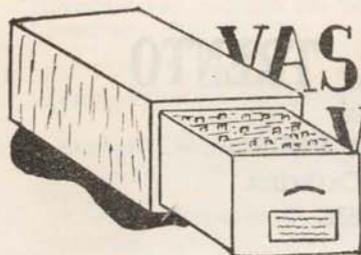
# Antigamente...



A Bacia do Itajaí sempre foi grande produtora de madeira. Desde os começos do povoamento, as densas matas que cobriam os vales do grande e do pequeno Itajaí e seus milhares de afluentes, forneceram madeira de primeira qualidade para as construções navais, de casas e fabrico de móveis finos. As primeiras crônicas já se referem a estaleiros, para construção e consertos de embarcações. Aires de Casal, na sua antiquíssima "Corografia Brasílica" já escrevia que às margens do Itajaí "havia muitas serrarias". Foi das margens do Itajaí-Mirim que, em 1820, foi embarcada parte da madeira destinada à construção do museu nacional. Atinge a cifras muito altas a madeira beneficiada que desce de todos os recantos do Vale do Itajaí e que se destina à exportação para outros Estados e para o exterior. Entretanto, datam dos meados do século passado somente, os engenhos de serrar movidos à água, ou a vapor. Até então, as "serrarias" eram do tipo que nos mostra o clichê. Tudo feito a braços. Desde a derrubada das grandes árvores e o seu falquejamento até o desdobraimento em tábuas, barrotes e sarrafos, tudo era fruto de um esforço duplicado; tudo preparado à mão. Hoje, as serrarias, dotadas dos mais aperfeiçoados maquinismos fazem, em poucas horas, o que muitos homens não conseguiam fazer, antigamente, em anos inteiros de trabalho porfiado e matante, no sistema dos "estaleiros" em que as toras, sobrepostas a uma armação, eram serradas por dois homens, um em cima e o outro "serrando de baixo"...

O pôrto de Itajaí é, atualmente, o maior exportador de madeiras do Brasil.

**A** ponte de cimento armado sôbre o rio Itajaí-Mirim, na estrada Itajaí-Blumenau (Barra do Rio) foi inaugurada no dia 10 de agosto de 1930, no governo do prefeito Marcos Konder.



# VASCULHANDO VELHOS ARQUIVOS

por Frederico Kilian

Por um feliz acaso, achamos entre os escombros e cinzas do prédio do "Forum" e Arquivo de Blumenau, destruídos pelo incêndio do dia 8 de novembro de 1958, e salvamos vários livros de atas da Câmara de Blumenau, que, embora carbonizados nas partes externas e nas margens, ainda permitem a leitura, em grande parte, das atas nêles lavradas.

Folheando, com muito cuidado, as folhas frágeis devido à ação do fogo, encontramos uma interessante ata, da época da Revolução de 1893, quando Blumenau foi elevada provisoriamente, à séde do Govêrno e Capital do Estado de Santa Catarina. Damos a seguir a íntegra da referida ata:

## **ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DO DIA 22 DE JULHO DE 1893.**

Presidente: Henrique Probst. Secretário: Francisco Margarida.

Aos vinte e dois dias do mês de Julho de mil oitocentos e noventa e três, no Paço da Municipalidade de Blumenau, presentes os membros do Conselho, Henrique Probst, Jens Jensen, Fernando Hackbarth, Antônio Bernardo Haendchen, foi aberta a sessão, declarando o cidadão Presidente que esta tinha sido convocada afim de prestar juramento o cidadão **Dr. HERCÍLIO PEDRO DA LUZ**, aclamado pelo povo catarinense governador do Estado de Sta. Catarina. Em seguida o mesmo cidadão Dr. Hercílio Pedro da Luz prometeu cumprir bem e fielmente com tôda a dedicação e patriotismo o cargo de Governador de que foi investido pela população catarinense. E nada mais havendo a tratar-se, o Sr. Presidente suspendeu a sessão pelo que se lavrou a presente ata. Eu, Francisco Antônio de Oliveira Margarida, a escrevi. (assinados) Henrique Probst, Jens Jensen, Luiz Abry, Fernando Hackbarth, Antônio Haendchen, Hercílio Pedro da Luz, Leopoldo Knoblauch, Dr. José Bonifácio da Cunha, Francisco da Cunha Silveira, Vitorino de Paula Ramos, Manoel dos Santos Lostada, Hermann Baumgarten, Antônio José Schneider, Ernesto Eckhardt, Leopoldo Francisco Zimmermann, H.F. Schmidt, Guilh. Gross, João Wagner, Guido von Seckendorff, Augusto Bussi, Jacob Schmidt, Fernando Kinder, Robert Boddenberg, August Arnold, Carl (ilegível), Otto Freygang, Otto Wehmuth Jnr., Curt Michel, Hermann Schossland, Otto Bublitz, Hermann Brunner, Ferdinand Fritzke, Wilhelm Klein, Christian Reif Jnr., Carlos Jacobsen, Karl Kampert, Gottlieb Reif, Hermann Klein, Oscar Kretzschmar, João Bento, Reinhold Butzke, Bruno Scheidemantel, Paulo Meyer, Hermann Jahn, Ferdinand Teske, Wilhelm Ott, Hermann Marquardt, Emilio Wachholz, Augusto Leber, Erwin Wagner, August Fey, Richard Enke, Franz Schroeder, (ilegível) Seifert, Otto Steinbach, Otto Schneider, Leopold Richter, Luiz Jasper, Fritz Reif, Richard Jurk, Hermann Jurk, Max Haertel, Ernst Neumann, August Boettger, Adolf Grummenauer, P. Chr. Feddersen, Otto Wehmuth.

NOTÍCIAS  
de  
**BRUSQUE E NOVA TRENTO**

isto é das Colônias  
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO  
na Província de Santa Catarina  
IMPÉRIO DO BRASIL

por  
**D. Arcângelo Ganarini**



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

*Traduzidas do Italiano*

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



( CONTINUAÇÃO )

Enumeram-se mais de 18 fontes de águas ferruginosas, mais ou menos ricas de ácido carbônico. Entre as alcalinas-gasosas são dignas de menção as de Caxambú na província de Minas Gerais, ricas de ácido carbônico livre, além de outros sais e ácidos. Pelas suas virtudes terapêuticas, são chamadas **águas virtuosas** e também **águas santas**. Na província da Bahia são notáveis as de Itapiru, que, além de serem gasosas, são também termais com a temperatura de 31° Reaumur. Entre as fontes termais, quatro delas possuem esta província de Santa Catarina, entre as quais as chamadas **Caldas de Tubarão** com a temperatura de 30 graus.

As de Lagôa Santa, em Minas Gerais, formam uma lagôa de largura de dois quilômetros e de três de comprimento, que se conserva constantemente tépida. Nas mesmas províncias existem três fontes conhecidíssimas e muito frequentadas de água sulfurosa e termal, que deram nome ao sítio chamado **Vila das Caldas**. Para comodidade dos pacientes, que vão visitá-las, foi construído um estabelecimento balneário, situado a 1826 metros acima do mar, em uma das mais salubres situações do Império. O clima é o mais ameno que

se possa desejar, o ar é puro e seco, sem névoa matutina, nem humidade perto da noite, pelo que o sol se mostra, desde o nascer, em todo o seu esplendor, e a atmosfera é purificada pela constante ventilação. Outras fontes se conhecem em S. Paulo, no Rio Grande do Norte, em Goiás, no Ceará, mas de muitas ainda faltam análises químicas, e são usadas só pela vizinhança que experimenta curar-se de certas moléstias.

#### AGRICULTURA

Esta é a parte mais interessante destes meus quatro gatafunhos, arrancados à força e reunidos nos poucos intervalos que me são livres, porque aquela sobre quem se possa basear um juízo sobre a situação dos nossos compatriotas, nestas colônias. Em nossa terra reina uma confusão por causa das notícias contraditórias que, diariamente, chegam procedentes do Brasil; confusão aumentada pelas notícias de gente mal intencionada que retorna à antiga pátria. Não desejo aqui defender-me das causas de tanta discrepância de juízos, e porque tantos bendizem a hora em que puderam assentar os pés neste solo, que outros chamam

terra de Caím; se não me faltar o tempo, o farei mais tarde. No entanto, admito que a mór parte dos terrenos dos nossos colonos são geralmente montuosos, com mais ou menos planura no fundo dos vales onde as porções de terreno confinam com o rio ou a estrada que ali passa, irei referindo os principais produtos, que se podem cultivar com êxito, atendo-me à mais escrupulosa verdade.

### 1 — Mandioca

A mandioca (**Manhiot utilissima**) é uma planta lenhosa, que cresce à altura de metro e meio a dois, em forma de sarça, com muitos ramos entre si unidos, quase em ângulo reto, com folhas de um verde escuro, setipartidas como as do hipocastano. As plantas não dando sementes, se empregam na reprodução os próprios ramos, muito ricos de gemas, que se cortam em pedaços de um palmo, e se fincam inclinados à flôr da terra. Em um ano e meio pode arrancá-la; mas deixando-se ficar por dois anos até três, retira-se um produto relativamente muito maior, e isto se pratica quando êsse gênero se mantém em alto preço. Produz raízes fusiformes, unidas à haste por uma espécie de gola, disposta à flôr da terra, em volta da planta. Eu as vi do tamanho de um pé e grossas como um braço, com o péso de oito quilos. A raiz verde é venenosa e é preciso ter muita cautela para não confundi-la com o aipim com o qual se parece e não ser êste venenoso. Para extrair-se a farinha, o processo é muito simples, bastando ralar-se a raiz e depois secá-la em um tacho ao fogo. Comumente, se emprega um engenho próprio (**engenho de farinha**) composto de três partes: de uma roda raladora, girando velozmente, à fôrça de bois ou de água, de uma prensa, e de dois tachos de cobre murados. Lavada a raiz e liberta da casca, é ralada, colocada em cestos elásticos sob a pressão de uma forte prensa, parecida com as nossas com o bagoço das uvas, sendo expremida a substância aquosa, na qual, se encontram os principios venenosos. Depois, é levada aos tachos para ser secada. Sai daí uma farinha semelhante à

serragem de madeira, de coloração branca e tão sêca que se pode conservar-la de ano para ano sem estragar-se. Não contém grande dose de principios nutritivos, mas ligada aos feijões, tem a propriedade de corrigir os inconvenientes produzidos pela nutrição dêsses legumes. Pode-se ingeri-la assim sêca, sem qualquer preparo, bebendo-se, entre um bocado e outro, café para facilitar-lhe a umecção, ou ainda, misturando-a com água ou caldo de carne quente e fazer pão, misturando-a com farinha de milho. Um brasileiro que viaja, não tem necessidade de tantos albergues e provisões; é bastante uma trouxinha de mandioca e um pedaço de carne sêca, e em qualquer clareira que encontra, pode montar sua mesa, alcançando a água com uma folha de bananeira brava. Se antes de secá-la fôr lavada, deposita na água a parte mais fina, com facilidade, e sêca dá a chamada tapioca ou polvilho, que serve de grude de amido e se presta, como a farinha de araruta, para preparar pratos leves e nutritivos, melhor do que a maizena, proveniente dos Estados Unidos.

Os nossos colonos mal chegados ao Brasil, bem remunerados de dinheiro pelo govêrno como eram não podiam habituar-se e por desprezo chamavam-na farinha de pau e comida de animais. Devido à essa estúpida antipatia não trataram em principio de plantá-la; e só agora compreendem que aquela mandioca, uma vez tão desprezada, será sempre o produto mais lucrativo e de mais seguro comércio. Além do consumo interno, se expande por tôda a América Meridional, onde é conhecida há anos e dela exportam mais de oito milhões de quilos anualmente. O preço ordinário é de 2 a 3 florins o sacco, não faltando anos em que chegou até 9 florins, como 1877-1878, em que houve grande procura para as provincias do norte, onde reinava a carestia devido à prolongada sêca. Em ser ela insípida torna-se antipática a quem não está acostumado, e é talvez por isto que a Europa, abastecida como está de outros produtos, até agora dela não se interessou. Tenho esperança que com o tempo sua sorte será

igual a da batata, que vista no princípio com desprezo, tornou-se copiosa na opinião popular e sob a penúria dos anos de carestia, alcançou agora a posição que merece, participando largamente da mesa frugal do camponês como de todos os lautos jantares dos ricos. Talvez em qualquer ano de penúria, continuando as atuais e sempre crescentes relações dêste país com a Europa, pode vir à lembrança dos famintos substituir pela farinha de mandioca o trigo e o milho, e constrangidos a empregar por necessidade, afastando a desfavorável opinião que até agora a excluiu dos mercados da Europa. E se os anos continuarem assim no ultramar, prevejo próximo o dia em que também ali aceitarão de bom grado esse artigo. Tanto mais quando os que estiverem de volta do Brasil lhes houverem explicado os vários processos de usá-la.

Muitos dos nossos colonos tão bem a ela se acostumaram, que a consomem de tôdas as maneiras como o mais consumado apreciador brasileiro. A mandioca é um dos produtos mais remuneradores a estas colônias, crescendo em sítios montuosos e secos, onde outras plantas produzem pouco. Rende o decuplo do milho semeado na montanha, e o quadruplo daquêle semeado em terreno plano e fértil. Quem quizer tirar dela o maior proveito deve construir um engenho de fazer a farinha, do que mandar fazê-la por outrem; requerendo muita mão d'obra, não se lucra se não uma escassa metade, cabendo o resto para o fabricante. Por isso, alguns colonos que têm alguma visão, não podendo sôzinho suportar a despeza, reune-se em sociedade, podendo um só engenho satisfazer a necessidade de vários.

Os mais perspicazes compreenderam logo o que se devia fazer, e que era inútil persistir em certas idéias trazidas dos seus países, e irrealizáveis aqui; passaram a imitar os brasileiros, e agora vendem a 3 e 4 florins a farinha de mandioca aos próprios patricios, que coçando o queixo dizem: nunca teria pensado ser mais útil cultivar mandioca do que milho. Quem dispõe de uma boa plantação de mandioca pode adquirir gêneros à

crédito e dinheiro emprestado com maior facilidade do que entre nós na expectativa dos casulos da sêda e nas pinhotas. Essa plantação está sujeita a alguns danos devido às formigas e lagartas, que desfolhando-a retardam seu desenvolvimento e pelo granizo que destroça a planta e as raízes à flôr da terra pelas quais nascem. Afinal, tudo somado, mantém-se sempre como o principal produto dêstes sítios, e pelo qual devem aplicar-se muito bem e com ardor principalmente os colonos que dispõem de terras montuosas.

## 2 — Feijões

Não saberei dizer quantas sejam as variedades dêste legume de que se mostra rica esta terra. Existem os que semeados uma vez, as plantas duram mais de um ano continuando a dar flôres, e servem muito bem para o revestimento de cercas. Uma outra qualidade, que chamam arbóreo, cresce com haste forte e grossa e com folhas largas. Seus bacelos são da largura de dois bons dedos e de comprimento de um pé e talvez mais; o feijão de côr branca é proporcional em grandeza e difícil de cosinhar, porque tem uma casca muito dura. Entre tôdas as qualidades porém distingue-se um pequeno feijão prêto, gostoso, e de casca muito fina. É semeado duas vezes ao ano, em agosto e fevereiro, e é a única qualidade, podemos dizer, que entra no comércio. Seu preço usual oscila entre 5 e 7 florins por sacco, e em circunstâncias excepcionais vi que o pagavam até 16 florins. Os brasileiros fazem dêle muito uso, e quando podem comer uma boa feijoada com um pouco de mandioca e carne sêca não desejam mais nada. A sôpa de feijão é tão comum que não posso deixar de ensinar a maneira de prepará-la. Põem-se a cosinhá-lo com água e toucinho em fogo brando durante várias horas, sempre juntando água quente, quanto baste para que no fim fique uma boa quantidade de caldo, que se torna menos líquido esmagando uma parte dos feijões. Ainda quente é servido à mêsá, e cada qual o mistura com farinha de mandioca à vontade. Torna-se uma polenta escura, que

os brasileiros comem como uma comida excelente. Os nossos em princípio não quizeram acostumar-se; e comer feijões, especialmente assim tão pretos, com mandioca misturados, tornava-se para eles coisa intolerável; agora, porém, já os usam, se não preparados à brasileira, pelo menos à européia. Esse legume tão nutritivo tem um inimigo num pequeno inseto que o perfura, pelo que se não se tomarem tôdas as cautelas, não se poderá conservá-lo por muito tempo. As pessoas idosas do país costumam semeá-los e colhê-los, como tudo mais, no minguate da lua, tomando isto como um preservativo, e depois o secam bastante ao sol ou no forno, e dessa maneira os conservam perfeitos. É preciso ouvirmos os nossos descontentes do Brasil, queixando-se sobremodo desses insetos, que na sua opinião tudo devoram. O certo é que na casa de muitos dêles, em seus países, não era de temer qualquer dano, porque nada havia para comer, nem para eles nem para os animais.

### 3 — Milho

O milho é cultivado em larga escala entre os nossos italianos, que até agora fazem dêle sua principal alimentação, enquanto os alemães e os brasileiros não tratam muito dessa cultura. Depois de limpo o terreno das ervagens, sem ará-lo ou fazer-lhe qualquer outra coisa, fazem-se com a enxada buracos na distância de um metro um do outro, lançando nêles três ou quatro grãos e em seguida cobertos. Depois disso, nada mais é preciso se não manter limpo o terreno. Nos lugares planos e ao longo dos rios cresce em extraordinária altura, dando de duas ou mais espigas por plantas, enquanto que é raro dar boa colheita nos lugares montanhosos, onde mesmo nos anos úmidos cresce sempre mesquinho. E curioso é como muitos, esclarecidos pela experiência de vários anos, são tão teimosos e querem plantar milho à força, e depois se atiram contra o Brasil devido à fraca colheita, quando se soubessem se amoldar à natureza do solo, poderiam colhêr boas cargas de man-

dioca, aipim e outras espécies de batatas que constituem a comida mais comum dos colonos polacos e alemães em semelhante circunstância. Essa pretensão de que a terra se adapta ao seu emprêgo, antes que lhe conheça a natureza, é uma causa do descontentamento de muitos, e se não mudarem de sistema, um dia ficarão reduzidos à miséria. Para os nossos mal chegados a estas colônias, causou dolorosa surpresa chegar a um país onde não se usava a polenta. Nos primeiros meses, para aquietar pelo menos algumas vêzes o imenso desejo, inventaram moer o milho com o pó de café. Mal tomaram conta de suas terras, a primeira sementeira foi a de milho, e a proporção que êle empenachava, tratavam de montar um moinho; e, depois, polenta três vêzes por dia. O comércio, que se faz, limita-se quase exclusivamente ao interior, não sendo de vantagem exportá-lo pelo elevado preço do transporte. Por isso, no entanto, enquanto não se concluem as estradas mais favoráveis, o que sobeja numa família é consumido com a manutenção de galináceos e porcos. No ano passado pagou-se mais caro 3 florins e meio por um saco de 60 quilos; e neste ano é comprado a 2 e meio. Por êste preço os colonos de Blumenau o conduzem ao pôrto de Itajaí. No município de Lages e em outros lugares costuma-se descascá-lo como se faz com o arroz, e depois fazem sopa, cosinhando-o com leite. Os alemães fazem, com êle, pão, misturando-o com mandioca e batata de cará ralados. Também êsse grão tem o seu inseto que o rói, principalmente descascado, mas colhendo-o bem sêco e conservando-o em sítio enxuto sem estar debulhado, é possível reduzir ao mínimo o prejuízo. No geral, com a exceção de alguns sítios, tôda família pode cultivar o milho com fartura para o ano inteiro; e também os mais descontentes confessam, teriam sido outros tantos senhores, se na Europa tivessem tanta polenta como aqui.

### 4 — Arroz

O arroz, que na Itália só cresce nos arrozais, aqui no Brasil prospera em todos os terrenos planos,

especialmente se são pouco úmidos. Os nossos trentinos, acostumados a fazer dêle pouco uso, não cuidam muito em semeá-lo, mas os Crémoneses e Mantuanos, que usam em sua pátria dêsse alimento, o semeiam bastante e apesar do notável prejuízo causado pelos passariños, quando da maturação, colhem ainda apreciável quantidade. No geral cada qual o trilha em casa, usando um pilão de mão. Para trilhá-lo pagam-se de dois e meio a quatro florins e se emprega como comida de cavalos e galinhas; trilhado, varia de 8 a 14 florins o sacco. Até agora não tem sido exportado, porque a produção é apenas sufficiente ao consumo da colónia. Produzindo-o d'antemão poder-se-ia exportá-lo quando os meios de transporte fôsem menos gravosos.

#### 5 — Cana de açúcar

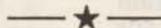
Esta planta, que constitue uma das principais produções das províncias setentrionais, como Rio de Janeiro, Espirito Santo, Bahia, Alagoas, etc. e parece produzir bem nesta provincia, pouco cultivada nestas colónias, pela razão de exigir terrenos planos e gordos, os nossos colonos preferem semear o milho e fazer pastagens. Tanto mais que é necessário um mecanismo apropriado para preparar o açúcar e a cachaça (aguardente). Por essa razão poucos a plantam, preferindo adquirir êstes artigos em São João e Itajaí.

Nos terrenos ao longo dos rios,

especialmente no seu curso inferior, observam-se vastas plantações de cana de açúcar a que os antigos brasileiros se applicam com preferênciã. Costuma-se plantá-la na distância de meio metro, servindo-se de canas já maduras cortadas em pedaços, que se plantam do mesmo modo que a mandioca. Cada um dêsses pedaços produz três ou quatro canas com a altura de 2 a 3 metros que depois de ano e meio são cortadas, despojadas das fôlhas e do tope, que servem de pasto aos animais, fazendo-as passar uma à uma fenda de uma engrenagem de três cilindros de madeira, movidos pela força de bois. O suco aquoso-saccharino, desprendido, é evaporado numa caldeira até a cristalização. Resulta daí um açúcar avermelhado de pequenos cristais. A parte que fica no fundo não cristalizada é levada ao alambique, onde é destilada a assim chamada aguardente ou cachaça, que não é mais do que uma aguardente usual, ou rum, se se o deixa forte. Se o Brasil possuísse suas refinarias de açúcar aperfeiçoadas, como na Europa, com as suas privilegiadas qualidades de canas que possui não temeria a concorrência de nenhum outro país nesse artigo. Por essa falta se vende o açúcar a quase 1 florim o quilo enquanto o que se fabrica com o sistema local pode-se obter de 16 a 22 vintens o quilo. A cachaça custa de 14 a 20 florins o barril de perto de cem litros.

(Continua)

**D**E um jornal de Itajaí, de 1886, extraímos o seguinte anúncio: "O abaixo-assinado, professor público jubilado, faz público que continua a lecionar particularmente à mocidade, em sua aula mixta: leitura, escrita, as quatro operações aritméticas em números inteiros e doutrina cristã, mediante a quantia de dois mil réis mensais, por aluno, sendo os meses corridos e não contados por dias, com aproveitamento de cinco horas de lições. Também ensina frações ordinárias, decimais, complexos, proporções, regras de juros e gramática portugêsa mediante a quantia de 3\$000 mensais, sendo a mensalidade satisfeita (tanto no primeiro, como no segundo caso) no primeiro dia do mês a vencer. 12 de maio de 1886 — Justino José da S. e Silva."



**P**OR aviso ministerial de 23 de agosto de 1879, foi extinta a Companhia de Batedores de Mato que se encontrava em Blumenau, para proteger os colonos contra os constantes ataques dos silvícolas.

**INDESMALHÁVEIS**

**INDESMALHÁVEIS**

LINGERIE

CAMISAS

CALÇAS

CAMISSETAS

DE FINÍSSIMO JERSEY

**MAFISA**

ARTIGOS SUPERIORES

DA

**MALHARIA BLUMENAU S. A.**

BLUMENAU

RUA PANDIÁ CALÓGERAS, 270

End. Telegráfico : MAFISA

Caixa Postal, 88

# CASA BUERGER

ARTIGOS FINOS

PARA

SENHORAS

CAVALHEIROS

E

CRIANÇAS

O MAGAZINE CHIC DA CIDADE

Rua 15 de novembro, 505 – BLUMENAU

## “Blumenau em Cadernos”

MENSÁRIO DEDICADO À HISTÓRIA E AOS INTERESSES  
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) . . . . . Cr\$ 100,00

Número avulso . . . . . Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

# **COMPANHIA CATARINENSE DE SEGUROS GERAIS**

---

FUNDADA EM 1938 — MATRIZ: BLUMENAU

**Capital e Reservas:- Cr\$ 29.969.829,30**



“A PIONEIRA

DAS SEGURADORAS

CATARINENSES”

**PREFERI-LA É CONTRIBUIR**

**P A R A**

**O PROGRESSO DO ESTADO**